

O diário de
ANNE
FRANK

O diário de
ANNE
FRANK

Tradução
Georgia Mariano



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto
Anne Frank

Revisão
BR75 | Clarisse Cintra e Silvia Baisch
Fernanda R. Braga Simon

Tradução
Georgia Mariano

Produção e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

F828d	Frank, Anne, 1929-1945
	O diário de Anne Frank: The Diary of Anne Frank / Anne Frank. - 6. ed. - Jandira, SP : Principis, 2019. 192 p. ; 16cm x 23cm.
	Inclui índice. ISBN: 978-65-509-7040-6
	1. Biografia. 2. Frank, Anne. I. Título.
2019-2265	CDD 920 CDU 929

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Biografia 028.5
2. Biografia 82-93

6ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Prefácio	7
----------------	---

1942

14 a 24 de junho.....	8
1º a 11 de julho.....	15
14 a 21 de agosto.....	26
2 a 29 de setembro.....	28
1º a 26 de outubro.....	38
7 a 28 de novembro.....	43
7 a 22 de dezembro.....	54

1943

13 a 30 de janeiro.....	59
5 a 27 de fevereiro.....	61
10 a 27 de março.....	63
1º a 27 de abril.....	69
1º a 18 de maio.....	71
13 a 15 de junho.....	74
11 a 29 de julho.....	76
3 a 23 de agosto.....	82
10 a 29 de setembro.....	93
17 a 29 de outubro.....	96
3 a 27 de novembro.....	98
6 a 29 de dezembro.....	103

1944

2 a 28 de janeiro.....	108
3 a 28 de fevereiro.....	124
1º a 31 de março.....	136
1º a 28 de abril.....	161
2 a 31 de maio.....	182
5 a 30 de junho.....	204
6 a 21 de julho.....	212
1º de agosto.....	222

PREFÁCIO

Anne Frank era uma garota muito observadora, inteligente, que adorava escrever. Quando fez 13 anos, ganhou um caderno de capa dura, que naquela época era usado para colecionar autógrafos. Assim que viu o presente, teve a ideia de usar para fazer um diário. Inventou uma amiga chamada Kitty e passou a escrever cartas para ela, contando tudo o que se passava na sua cabeça: as confidências de uma adolescente, sua visão do mundo e os acontecimentos do cotidiano.

Anne e sua família eram judeus de origem alemã e moravam em Amsterdã, na Holanda. Era 1942, auge da Segunda Guerra Mundial. A perseguição de Hitler aos judeus se tornou insuportável, por isso a família Frank, juntamente com amigos, escondeu-se e viveu na clandestinidade por mais de dois anos.

Longe da escola, dos amigos e da liberdade, Anne Frank se apegou cada vez mais à sua amiga de papel e produziu textos recheados de informações detalhadas e clareza impressionante. O documento sobreviveu à guerra, ao holocausto e ao tempo. Mais de 70 anos depois, é um dos livros mais vendidos de todos os tempos. Foi traduzido para 60 idiomas, virou filme, peça de teatro, minissérie, desenho animado e história em quadrinhos.

DOMINGO, 14 DE JUNHO DE 1942

Vou iniciar a partir do instante em que ganhei você, quando o vi na mesa, entre meus outros presentes de aniversário. (Eu estava junto quando você foi comprado, mas isso não faz diferença.)

Na sexta-feira, 12 de junho, eu estava acordada às seis horas da manhã, o que não era surpreendente, uma vez que era o meu aniversário, mas, como não tinha permissão para levantar àquela hora, fiquei na cama um pouco mais. Controlei a minha curiosidade até as seis e quarenta e cinco. Quando não pude me segurar mais, corri até a sala de jantar, onde minha gata Moortje fez muita festa para me cumprimentar.

Um pouco depois das sete, falei com meus pais e fui com eles para a sala para abrir meus presentes. Foi você, meu diário, que vi primeiro. E era, sem dúvida, o melhor de todos. Também ganhei flores. Rosas, peônias e um vaso de planta. Meus pais me deram uma blusa azul, um jogo, uma garrafa de suco de uva, que para mim parecia um pouco com vinho (afinal de contas, vinho é feito de uva), um quebra-cabeça, um pote de creme para o corpo, 2,50 florins e um vale-presente para dois livros. Ganhei outro livro também, chamado *Câmara Escura* (mas Margot já tinha, então troquei o meu por outra coisa), um prato de biscoitos caseiros (que eu mesma fiz, é claro, já que estou virando uma especialista em assar biscoitos), muitos doces e uma torta de morangos da mamãe. E uma carta da vovó, bem no dia, mas é claro que foi uma coincidência.

Depois, Lies veio me buscar para irmos à escola. Antes de começar as aulas, comemorei com distribuição de doces para os professores e colegas.

Por hoje vou terminar. Estou muito contente em ter você, meu diário.

SEGUNDA-FEIRA, 15 DE JUNHO DE 1942

Fizemos a minha festa de aniversário no domingo à tarde. Assistimos em casa a um filme do Rin Tin Tin, que foi o maior sucesso. Falamos muitas bobagens e nos divertimos bastante. Vieram vários amigos e amigas. A mamãe sempre quer saber com quem eu quero me casar. Acho que ela ficaria espantada se soubesse que gosto do Peter Wessel. Sempre finjo que não estou nem aí quando falam dele.

Há anos convivo com a Lies Goosens e a Sanne Houtman. Elas já foram minhas melhores amigas. Recentemente conheci Jopie van der Waal na Escola Judaica. Passamos muito tempo juntas e hoje ela é a minha melhor amiga. A Lies anda mais agora com uma outra amiga, e a Sanne frequenta outra escola, onde também arranjou uma amiga.

SÁBADO, 20 DE JUNHO DE 1942

Querida Kitty,

Escrever um diário é realmente uma experiência estranha para alguém como eu. Não apenas porque nunca escrevi nada antes, mas também porque me parece que, mais tarde, nem eu nem ninguém achará algo interessante nos desabafos de uma garota de 13 anos. Mas isso não importa. Gosto de escrever e quero aliviar o meu coração de todos os pesos.

“O papel é mais paciente do que os homens.” Muitas vezes penso isso quando, nos meus dias melancólicos, coloco a cabeça entre as mãos e não sei o que fazer comigo. Ora quero ficar em casa, ora quero sair e, na maior parte das vezes, fico sem sair do lugar. Sim, o papel é paciente! E não pretendo mostrar este caderno com o nome pomposo de diário para ninguém. A não ser que um dia eu encontre um amigo verdadeiro, isso provavelmente não fará muita diferença.

E agora volto ao ponto principal de todas essas considerações: não tenho um amigo de verdade!

Vou me explicar melhor, pois ninguém pode compreender que uma garota de 13 anos se sinta só. É mesmo estranho. Tenho pais amorosos,

uma irmã de 16 anos, uns 30 conhecidos que podem ser chamados de amigos. Tenho um bando de admiradores que me fazem todas as vontades. Na aula, eles olham meu rosto com um espelhinho de bolso e só se dão por satisfeitos quando eu rio. Tenho parentes, tias e tios, muito simpáticos, uma casa bonita e, pensando bem, não me falta nada senão uma amiga de verdade! Com todos os meus numerosos conhecidos só consigo fazer bobagens ou falar sobre coisas banais. Pode ser que essa falta de confiança seja defeito meu. Mas não há nada a fazer e lamento não poder mudar as coisas. É por isso que comecei o diário.

É para eu fazer de conta que tenho uma grande amiga. A este diário que vai ser minha grande amiga, vou dar o nome de Kitty.

A minha conversa com Kitty seria difícil de entender se eu não contas-se primeiro a história da minha vida, embora sem grande vontade.

Quando meus pais se casaram, o meu pai tinha 36 anos, e a minha mãe, 25. Minha irmã Margot nasceu em 1926, em Frankfurt. E, em 12 de junho de 1929, eu nasci. Como somos judeus, emigramos, em 1933, para a Holanda, onde meu pai se tornou diretor da Travis A-G. Esta empresa trabalha em estreita ligação com a Kolen & Co., no mesmo edifício.

A nossa vida decorria com preocupações habituais, pois as pessoas de família que ficaram na Alemanha não escaparam das perseguições de Hitler. Depois dos *pogroms* de 1938, os dois irmãos de minha mãe fugiram para os Estados Unidos. Minha avó, com 73 anos, veio morar com a gente.

A partir de 1940 foram acabando os bons tempos. Primeiro veio a guerra, depois a capitulação, em seguida a entrada dos alemães. E então começou a miséria. Nossa liberdade foi restringida por uma série de leis contra os judeus. Obrigaram-nos a usar a estrela amarela e a entregar as bicicletas. Não nos deixavam andar nos bondes e muito menos de automóvel. Os judeus só podiam fazer compras das três às cinco horas e só em lojas judaicas. Não podiam sair à rua depois das oito da noite nem sequer ficar no quintal ou na varanda. Não podiam ir ao teatro nem ao cinema, nem frequentar qualquer lugar de divertimentos. Também não podiam nadar, nem jogar tênis ou hóquei, nem praticar qualquer esporte. Os judeus não podiam visitar os cristãos. As crianças judaicas eram obrigadas a frequentar escolas judaicas. Cada vez saíam mais leis... Toda

a nossa vida estava sujeita a enorme pressão. Jopie dizia a cada passo: “Já nem tenho coragem para fazer seja o que for porque tenho sempre medo de fazer qualquer coisa que seja proibida”.

A vovó morreu em janeiro. Ninguém imagina o quanto eu gostava dela e que falta ela me faz. Em 1939, me mandaram para o jardim-escola Montessori. Depois, estudei ainda as primeiras séries primárias naquela escola. No último ano, a diretora, a senhora K., era chefe da minha turma. No fim do ano, despedimo-nos comovidas e ambas choramos muito. Desde o ano passado, a Margot e eu frequentamos a Escola Judaica. Ela está na nona série, e eu, na sexta.

SÁBADO, 20 DE JUNHO DE 1942

Querida Kitty,

Está tudo tão calmo agora! Papai e mamãe saíram, e a Margot foi jogar pingue-pongue com uns amigos. Eu também tenho jogado bastante pingue-pongue nos últimos tempos. Tanto que quatro de nós formamos um clube chamado A Ursa Menor Menos Duas. Um nome realmente bobo, mas é baseado em um erro. Nós queríamos batizar o clube com um nome especial e, como éramos cinco, tivemos a ideia de chamá-lo Ursa Menor. Achávamos que ela tinha cinco estrelas, mas estávamos enganadas. Tinha sete, como a Ursa Maior, o que explica o Menos Duas. Ilse Wagner tem uma mesa de pingue-pongue, e o casal Wagner nos deixa jogar na ampla sala de jantar sempre que desejamos. Como nós cinco gostamos muito de tomar sorvetes, principalmente no verão, e como sente-se muito calor jogando pingue-pongue, o jogo acaba quase sempre numa visita a alguma das confeitarias onde os judeus ainda podem entrar: Delphi ou Oasis. Há muito tempo paramos de procurar dinheiro na bolsa, na maioria das vezes a loja está sempre bem cheia e no meio de tanta gente costuma ter alguém conhecido, até um ou outro admirador. E eles oferecem tantos sorvetes que a gente não conseguiria tomar tudo nem em uma semana.

Você deve ter ficado admirada por eu, apesar de tão nova, já falar em admiradores. Infelizmente, ou não, isso parece inevitável na nossa

escola. Quando um dos garotos pergunta se pode me acompanhar até minha casa de bicicleta, é certo que se apaixone logo por mim e que não me perca de vista durante algum tempo. Depois, pouco a pouco, sossegam, principalmente porque eu faço de conta que não vejo os olhares apaixonados e continuo alegremente a pedalar. Se aquilo passa do limite, começo a fazer umas manobras na minha bicicleta, a pasta cai no chão, e o garoto é obrigado a descer da bicicleta dele para pegar a pasta e me entregar. Nesse meio tempo, mudo o assunto da conversa.

Esses são os mais inofensivos. Tem alguns que nos atiram beijos ou nos tocam no braço, mas eles estão definitivamente tentando com a pessoa errada. Quando isso acontece, desço da bicicleta e falo que dispenso a companhia dele ou finjo que estou ofendida e mando passear. E pronto, Kitty, agora já podemos ser boas amigas.

Até amanhã!

Sua Anne.

DOMINGO, 21 DE JUNHO DE 1942

Querida Kitty,

A turma inteira está em polvorosa. O motivo, é claro, é que a reunião de conselho dos professores está chegando. Metade da turma passa o tempo apostando quem passa de ano e quem repete. A Miep de Jong e eu quase morremos de tanto rir por causa dos dois garotos sentados atrás da gente, C.N. e Jacques Kocernoot, que apostaram todo o dinheiro reservado para as férias. Rezam de manhã até a noite. “Vai passar”, “Não vou”, “Vai sim”, “Não vou”... De nada adiantam os olhares suplicantes da Miep; nem minhas crises de raiva os sossegaram. Se você me perguntar, tem tantos burros na minha turma que, se dependesse de mim, reprovava a metade. Mas os professores são as pessoas mais imprevisíveis do mundo. Quem sabe desta vez eles sejam imprevisíveis da maneira certa, para variar. Não estou preocupada por mim ou pelas minhas amigas.

Nós vamos passar. A única matéria que estou na dúvida é Matemática. De qualquer modo, tudo que podemos fazer é esperar. Até lá, continuamos dizendo uns aos outros para não perder as esperanças.

O DIÁRIO DE ANNE FRANK

Eu me dou razoavelmente bem com os professores. Ao todo são nove, sete homens e duas mulheres. O senhor Keptor, o velho professor de Matemática, implicava comigo por eu falar demais. Depois de várias broncas, ele me mandou um trabalho de casa extra, uma redação com o tema: Uma tagarela. Uma tagarela! O que se poderia escrever sobre isso? Vou me preocupar com isso depois, pensei. Enfiei o dever no caderno, coloquei-o na pasta e tentei ficar quieta.

Naquela noite, depois que terminei todos os outros deveres, eu me lembrei da redação. Comecei a pensar sobre o tema enquanto mordida a ponta da caneta-tinteiro. Qualquer um pode escrever umas bobagens, com as palavras bem separadas, mas encontrar uma razão evidente da necessidade de falar, aí é que estava o grande problema. Pensei e tornei a pensar e, de repente, tive uma ideia.

Escrevi as três folhas que o senhor Keptor pediu e fiquei satisfeita. Argumentei que falar era próprio das mulheres e que eu me esforçaria para mudar, mas nunca conseguiria completamente, porque a minha mãe falava tanto quanto eu, se não mais. E, como era sabido, contra defeitos hereditários, pouca coisa podemos fazer.

O senhor Keptor riu da minha explicação. Mas, quando na próxima aula falei de novo, ele me mandou fazer outra redação: A tagarela incurável. Escrevi como pude e durante duas aulas me comportei bem. Mas na terceira aula não aconteceu o mesmo, e o senhor Keptor achou que o meu mau comportamento passava dos limites.

– Anne, como castigo por sua tagarelice, vai fazer uma redação com o tema: Quac, quac, quac! Lá vem a dona pata.

A turma morreu de rir. Também ri, embora me parecesse que tinha esgotado a minha criatividade para redações sobre o tema. Tinha de encontrar alguma coisa nova, original. A minha amiga Sanne, boa em poesias, me aconselhou a tratar o assunto em versos e se ofereceu para me ajudar. Fiquei animada. O Keptor queria fazer pouco de mim, mas eu podia dar o troco.

Fiz um poema que foi um sucesso. Era sobre uma mãe pata e um pai cisne. Tinham três patinhos que de tanto fazer barulho foram bicados pelo pai até morrer. Felizmente o Keptor compreendeu a brincadeira e leu o poema em voz alta na nossa e nas outras turmas. Desde então,

posso falar sem que o Keptor me passe redações como castigo. Agora ele é quem faz piadinhas a toda hora.

Sua Anne.

QUARTA-FEIRA, 24 DE JUNHO DE 1942

Querida Kitty,

Está o maior calorão. Todos estão bufando e exaustos, e neste calor eu tenho que andar a pé. Só agora compreendo o prazer de andar no bonde ou nos carros abertos, mas esse luxo não é mais permitido para nós, os judeus. Temos de nos contentar com nossos próprios pés. Ontem, na hora do almoço, tive de ir ao dentista na Jan Luykenstraat. É longe da nossa escola, na Stadstimmertuinen. Na aula da tarde, por pouco não dormi. Felizmente há pessoas amáveis que nos oferecem de beber mesmo sem pedirmos nada. A ajudante do dentista é realmente muito gentil.

Só um meio de transporte ainda nos é permitido: a barca. O barqueiro no cais de Joseph-Israel nos leva para a outra margem. Não é por culpa dos holandeses que a vida é dura para os judeus.

Ai, se não precisasse ir para a escola! Durante as férias da Páscoa, roubaram minha bicicleta, e o papai levou a da mamãe para uma casa mais segura, de amigos cristãos! Felizmente as férias estão chegando. Mais uma semana e estou livre disso!

Ontem de manhã aconteceu-me uma coisa engraçada. Quando passei por aquele lugar onde costumava guardar a minha bicicleta, ouvi alguém me chamar. Olhei para trás e vinha um garoto simpático que, na noite anterior, eu tinha visto na casa da Eva, uma conhecida minha. Ele é primo em segundo grau dela. Eu achava a Eva legal, e ela é, mas está sempre falando sobre garotos, e isso às vezes fica chato. Um pouco tímido, disse-me o seu nome: Harry Goldberg. Fiquei admirada, não sabia bem o que ele queria de mim. Mas logo descobri. Queria acompanhar-me à escola.

– Se você estiver indo na mesma direção que eu, vou com você – falei. E andamos lado a lado.

O Harry já tem 16 anos e sabe contar histórias engraçadas. Hoje de manhã, estava, de novo, à minha espera. Espero que isso continue por algum tempo.

Anne.

QUARTA-FEIRA, 1º DE JULHO DE 1942

Querida Kitty,

Até hoje ainda não tive tempo para escrever para você. Quinta-feira fiquei a tarde toda com amigos. Sexta tivemos visitas e assim por diante, até hoje. Harry e eu nos conhecemos melhor nesta semana. Contou-me muita coisa dele. Ele é de Gelsenkirchen e mora com os avós. Os pais estão na Bélgica, mas não tem como ele ir para lá.

Harry tinha uma namorada chamada Fanny. Eu a conheço também. É uma garota fofa e sem-graça. Desde que o Harry me conheceu, percebeu que Fanny quase o fazia dormir de tédio. E eu sou para ele uma espécie de estimulante. Nunca sabemos como a gente pode ser útil para alguém.

Sábado, a Jopie dormiu aqui em casa. Na tarde de domingo ela foi para casa da Lies e eu fiquei entediada. À noite ia ver o Harry, mas às seis ele me ligou:

- Aqui é Harry Goldberg. Por favor, posso falar com a Anne?
- Sou eu mesma.
- Boa noite, Anne. Como está?
- Bem, obrigada.
- Infelizmente não posso ir aí à noite. Mas queria muito falar com você. Pode descer daqui a dez minutos?
- Está bem. Até já.
- Tchau.

Troquei de roupa rapidinho e dei um jeito no cabelo. Eu estava tão nervosa que fiquei na janela esperando por ele. Finalmente, ele chegou. Por um milagre não me joguei escada abaixo, e sim esperei calmamente até ele tocar a campainha. Fui até a porta e ele foi direto ao assunto.

- Anne, minha avó acha que você é nova demais para mim. Ela acha que eu devia visitar os Lowenbach, mas você deve saber que eu não estou mais saindo com a Fanny.